

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MÁTHERESIS



In Memoriam
Prof. Doutor Manuel de Oliveira Pulquério

V I S E U · 2 0 1 1

A ARQUITECTURA PALEOCRISTÃ DA LUSITÂNIA NORTE

JOÃO L. INÊS VAZ

Palavras-chave: Arquitectura, paleocristianismo, Lusitânia, basílica, Suevos.

Keywords: Architecture, early Christianity, Lusitania, basilica, Suevic people.

1. Contexto

O aparecimento do Cristianismo representou para Roma uma novidade surpreendente em relação às religiões até então existentes no Império: ao politeísmo tradicional de todas as religiões, o Cristianismo opõe o monoteísmo; os sacrifícios humanos ou animais são substituídos por sacrifícios simbólicos, mas onde o elemento animal e vegetal continua presente através do pão e do vinho transubstanciados no corpo e sangue de Cristo; a uma sociedade escravagista e baseada na divisão em classes, o Cristianismo vai contrapor que “Já não há diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vós sois um só em Jesus Cristo” (Paulo, 3, 27); o culto ao imperador, um dos principais elos da união do Império e o único culto verdadeiramente universal, confronta-se agora com a adoração de um Deus único e Omnipotente.

Num primeiro momento de surpresa, a tolerância tradicional do espírito de superstição romano perante todas as divindades dos povos conquistados levou a que os primeiros imperadores considerassem estar simplesmente perante mais uma religião de mais um povo conquistado, ainda por cima vinda do oriente e com origem judaica, de um povo que já tantos problemas tinha levantado na sua subjugação. Rapidamente, no entanto, se aperceberam da importância subversiva da nova religião e começaram, em meados do século I, um conjunto de perseguições durante as quais os cristãos são martirizados.

O espírito de sacrifício dos cristãos, a sua entrega à oração e às mãos do seu Deus, a sua morte serena, mesmo que acontecesse às garras de animais selvagens, era um exemplo que estava a contagiar

muitos Romanos. Sendo assim, rapidamente os cristãos se transformaram de tolerados em perseguidos, de pacíficos em subversivos e, por isso, o tradicional espírito tolerante romano e o temor perante todas as divindades desaparece e dá lugar a um programa de extermínio da nova religião e dos seus seguidores. O efeito conseguido foi o contrário e a nova religião difundiu-se e chegava aos quatro pontos cardeais do Império, incluindo Roma, a capital e por todo o lado começaram a surgir comunidades cristãs, impossíveis de controlar e exterminar. No século IV, Constantino I, o Grande, acaba por conceder liberdade de culto aos cristãos através do Édito de Milão de 313. Durante estes primeiros trezentos e doze anos, os cristãos praticaram o culto às escondidas, em casa de algum membro da comunidade¹, numa comunhão total de ideias e até dos próprios bens² ou em lugares escondidos. Qualquer lugar servia para o culto, sendo bem famosas as Catacumbas, galerias subterrâneas da antiga Roma que os primeiros cristãos bem conheciam e que serviram de refúgio, de templo e sobretudo de túmulo aos primeiros dignitários da Igreja e aos primeiros mártires.

Nas províncias, as comunidades proliferavam e auto-organizavam-se espalhando a religião o mais que podiam. A partir do momento em que foi dada liberdade de praticar o culto, os lugares de oração passaram a ser públicos e por isso adaptaram-se casas nas cidades para templo, começaram-se a abandonar os antigos deuses e adaptaram-se os seus templos ao novo Deus, construíram-se edifícios de raiz, consoante as possibilidades de cada comunidade. Ao lado da organização administrativa romana surgiu uma organização eclesiástica que se baseou naquela, instalando-se nalgumas *civitates* as sedes de dioceses e nos *pagi* e *villae* comunidades mais pequenas e, conseqüentemente, templos também mais pequenos que aproveitaram muitas vezes os antigos templos pagãos.

À Península Ibérica, o Cristianismo chegou bastante cedo e desde logo se terá começado a estruturar e por isso aparecem dioceses logo após a legalização feita por Constantino. O primeiro concílio

¹ “Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, ⁴ pessoas que, pela minha vida, expuseram a sua cabeça. Não sou apenas eu a estar-lhes agradecido, mas todas as igrejas dos gentios. ⁵ Saudai também a igreja que se reúne em casa deles.” (Carta de S. Paulo aos Romanos, 16, 3). Aqui se prova como os cristãos se reuniam em casa uns dos outros.

² A partilha dos bens é bem visível neste passo dos *Actos dos Apóstolos*, 2, 44 e 45: “Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. ⁴⁵ Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um”.

peninsular de que temos notícia reuniu-se logo nos inícios do século IV, em Elvira cidade próxima de Granada, ainda antes do édito constantiniano. Estiveram presentes os bispos das dioceses de *Ossonoba* (Faro) e *Ebora*, da província da Lusitânia e de outras regiões mais a norte como *Caesaraugusta* (Zaragoza). Além dos bispos marcaram também presença trinta e seis presbíteros cujos nomes e comunidades não são enunciadas, mas que estiveram a representar as suas comunidades.³ Haveria já comunidades cristãs no norte da Lusitânia, nessa data? Não o sabemos, por enquanto, embora haja indícios que nos levam a pensar que sim, mas uma coisa parece certa: mesmo na clandestinidade os cristãos já estavam organizados em dioceses e paróquias.

As perseguições aos cristãos também tinham feito mártires na Península, sendo o mais conhecido o de Santa Eulália, martirizada em finais do século III/inícios do IV em Mérida, capital da Lusitânia, no âmbito da perseguição movida por Diocleciano, materializada na Lusitânia por Daciano, o carrasco de Eulália. Este martírio deve ter sido mais ou menos coetâneo do concílio de Elvira.

É neste contexto que os cristãos lusitanos dos primeiros séculos tiveram que viver e é à luz deste contexto de perseguições e afirmação da fé, de partilha da fé e dos bens, de celebração da palavra e da oração, em clandestinidade numa primeira fase e à luz do dia a partir do século IV, de um certo isolamento das comunidades, que se devem analisar os primeiros lugares de culto cristão.

É o que vamos tentar fazer neste trabalho que pretende ser apenas um contributo para o estudo dos primeiros tempos do cristianismo na Lusitânia Norte. Assim, numa primeira parte, tentamos estabelecer uma tipologia dos primeiros lugares de culto conhecidos até agora, tendo em conta a sua localização e que é aplicável a todo o território português. Numa segunda parte, falaremos da arquitectura de algumas basílicas paleocristãs da Lusitânia norte.

³ Existem muitas edições destas actas, mas uma das mais acessíveis pode ver-se no seguinte endereço da Internet, com texto em latim: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0314314._Concilium_Eliberritanum,_D
ocumenta_Omnia,_LT.doc](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0314314._Concilium_Eliberritanum,_Documenta_Omnia,_LT.doc)